

A religião
na obra do
agnóstico
Machado
de Assis

A revolução
de Bernardo
Guimarães
na pequena
Catalão
de Goiás



A poesia do cerrado

A NOIVA SERTANEJA J. PARGES

Música popular

□ Renato Vivacqua



O ocaso do campeão

A memória cultural brasileira é imediatista e sôfrega. O gênio de hoje é o careta de amanhã e o ultrapassado de depois de amanhã. A MPB não foge à regra. Enquanto isso, nos outros países os velhos ídolos, vivos ou mortos, são cultuados sem que os admiradores sejam rotulados de retrógrados. A vô de pássaro podemos desfilhar: Nat King Cole, Glen Miller, Bing Crosby, Tommy Dorsey, Sinatra, Tony Bennett, nos Estados Unidos, cujos discos vendem aos borbotões. Aznavour, Montand e Piaf na França. Amália Rodrigues, Pedro Vargas, Agustín Lara, Gardel, a lista é infinda. E aqui, quem ouve falar em Francisco Alves, Orlando Silva, Carlos Galhardo, Silvio Caldas? Linda Batista, Blecaute, Albertinho Fortuna, Aracy Cortesm morreram na penúria. Gilberto Alves, Pedro Caetano e Joel de Almeida se foram há pouco sem nenhuma repercussão. O cantor Jessé, de expressão mediana, ocupou enorme espaço na mídia quando de seu recente falecimento.

O intróito se faz necessário para que eu possa falar no protagonista deste artigo. A última vez que o vi foi quando, a seu chamado, fui vê-lo no hospital, vítima de um derrame. Agora soube que morrera faz algum tempo. Silêncio absoluto nos meios de comunicação. Eu, historiador da MPB, que tenho meu obituário, não fiz nenhuma anotação. O personagem formou com Haroldo Lobo uma das maiores duplas de compositores de nosso cancioneiro. Seu nome: Milton de Oliveira. Poucos leitores ligarão o nome à pessoa. Entrevistei-o há alguns anos. Um homem amargurado, polêmico, de muitos inimigos, contestado em seu talento apesar de dezenas de sucessos. Acusado de desleal em suas táticas de chegar ao êxito. Para ele pode-se usar um lugar comum com muito propósito: a glória teve um travo bastante amargo. Ferido, quebrou o silêncio e contou como é caro o preço da con-

sagração. "Os críticos mentem muito. Esta turma nova que está aí, ninguém sabe nada. Comandei o carnaval por mais de vinte anos. Nunca apareci num programa de carnaval da Globo. Apresentam verdadeiros farsantes. Falsos sucessos que ninguém conhece. O maior repertório junino é meu e do Haroldo e só falam em Lamartine Babo. Sou acusado de riscar as faces dos discos onde não estava música minha. Isso foi inventado. Eu tinha um programa de rádio, não precisava passar prego. Era só não tocar".

Carioca das Laranjeiras. Ano 1916. Escudeiro deslumbrado de Noel Rosa,

carregando o violão e muitas vezes o poeta, em cruzadas pelas noites do Rio.

"Eu levei quase dois anos mostrando o "Não Tenho Lágrimas" a todo mundo e ninguém queria. Aí cai nas graças de Mr. Evans, o chefe da RCA Victor. O homem se encantou comigo. Então toda vez que um cantor chegava e queria música para gravar ele mandava falar comigo. Eu gravei o que quis. Gravei muita porcaria e muita coisa boa. Comecei a criar inimigos. Ciro Monteiro tentou me apelidar de "Judeu do Samba" mas não pegou. Mr. Evans só dava atenção a mim. Por causa dessa época tenho inimigo até hoje. Pinteí e bordeí. Uma palavra minha resolvia tudo. Ele lançou até um LP com músicas nossas

nos Estados Unidos a pedido meu. O sucesso de "Não Tenho Lágrimas" lá partiu desse disco". Eis um rol de seus maiores sucessos: Quero chorar não tenho lágrimas/ Que me rolem nas faces/ Pra me socorrer (com Max Bulhões). Você não é mais meu amor/ Porque vive a chorar/ Pra seu governo/ Já tenho outra em seu lugar. (com Haroldo Lobo). Fala Mangueira, fala/ Mostra a força da sua tradição/ Com licença da Portela, Favela/ Mangueira mora no meu coração (com Lobo). Chegou/ A turma do funil/ Todo mundo bebe/ Mas ninguém dorme no ponto/ Ai, ai ninguém dorme no ponto/ Nós é que bebemos/ E eles que ficam tontos (com Mirabeau e U. de Castro).

Tem galinha no bonde/ Tem, tem que eu vi/ Galinha no bonde/ É abacaxi (com Haroldo Lobo). Você roubou meu sossego/ Você roubou minha paz/ Com você eu vivo a sofrer/ Sem você vou sofrer muito mais (com Mirabeau). Todo mundo diz que sofre/ Sofre, sofre neste mundo/ Mas a mulher do leiteiro sofre mais/ Ela passa, lava,

coze/ Controla a freguesia/... E ainda lava garrafa vazia (com Haroldo Lobo).

Eva me leva/ Pro Paraíso agora/ Se estou com muita roupa/ Eu jogo a roupa fora (com Haroldo Lobo). A história da maçã/ É pura fantasia/ Maçã igual àquela/ O "papai" também comia. (com Haroldo Lobo). Domingo é dia/ De pescaria/ Lá vou eu de caniço e samburá/ Maré tá cheia/ Fico na areia/ Porque na areia dá mais peixe que no mar (com Haroldo Lobo).

Lá vem a Rita toda bonita/ de braço dado com seu namorado/ Fala baixo, fala baixo/ Que aquele é o delegado (com Haroldo Lobo).

Se tá na rua/ Arengando a noite inteira/ Tá na cara/ É pistoleira (com H. Lobo).

Cuco, cuco, cuco!/ O passarinho do relógio está maluco/ Ainda não é hora do batede/ Ele fica impertinente/ Acordando toda gente (com Haroldo Lobo).

Por um carinho seu/ Minha cabrocha/ Eu vou até o Irajá/ Que me importa que a mula manque/ Eu quero é rosetar (com H. Lobo).

E, ê, ê, ê/ Índio quer apito/ Se não der/ Pau vai comer (com Haroldo Lobo).

Vem cá, vem cá seu guarda/ Bota pra fora esse moço/ Tá no salão brincando/ Com pó de mico no bolso (com Haroldo Lobo).

Depois do painel consagrador que mostrei acima fica com o leitor o julgamento. Os detratores de Milton de Oliveira transferem o mérito de suas conquistas aos parceiros, argumentando que ele nunca teria composto uma nota ou escrito um verso, reconhecendo-o, porém, como exímio manipulador de bastidores, capaz de transformar tudo que promovia em sucesso. Eu, particularmente, acho que os acusadores, em vez de depreciá-lo, estão tornando-o lendário como dono de uma varinha de condão ou bola de cristal, capazes de justificar seu faro infalível. Um resgate de sua obra seria muito salutar para nossa combalida MPB.



Fazendo Miséria, do caricaturista Mendez, grande artista do traço